

# Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto

*Sandra Jatahy Pesavento\**

## Resumo

O texto parte da imagem do palimpsesto, tratando-o como metáfora de uma abordagem sobre o passado da cidade. Esta análise se desenvolve no cruzamento entre História e Memória, no resgate de uma paisagem urbana que se realiza, acumula, superpõe e troca significados no espaço e no tempo.

## Abstract

The present paper departs from the image of palimpsest, conceived as a metaphor of the city's past. This analysis develops on the crossroads of History and Memory, aiming at the rescue of an urban landscape that, builds up, superimposes and changes meanings through space and time.

Historiadores enxergam diferente, pois vêem o mundo com os olhos no passado. Este é um olhar que é capaz de presentificar uma ausência, vendo o que outros não vêem, enxergando nas marcas de historicidade deixadas pelos homens de um outro tempo, a vida que habitou nelas um dia. Historiadores devem ser mesmo capazes de buscar a palavra onde há silêncio, de encontrar o gesto onde se registra a ausência. Historiadores devem, sobretudo, ver além do que aquilo que é mostrado ou dito, pois eles vêem de outra forma...De Mnesmósine e Clio, estas são as deusas e musas que iluminam seu olhar, no cruzamento da Memória com a História.

Mas esta não é uma tarefa isolada, solitária, na qual o historiador guarda para si, como um tesouro, esta visão mágica de uma temporalidade escoada. Sabemos que a História, esta narrativa que representa o passado, se destina a um público, que se dispõe a ver aquilo que o historiador lhe oferece como texto. Há, pois, uma dimensão social neste olhar da História, pois se pressupõe que esta experiência seja partilhada.

O historiador elabora uma narrativa sobre o passado, a partir de uma construção imaginária, possível e plausível, do que teria ocorrido um dia. Esta narrativa, a que se dá o nome de História, é um texto que se coloca como uma representação do passado, oferecendo-se a um leitor que, presumivelmente, consiga ver, também com o esforço da imaginação, esta temporalidade já transcorrida...Estas são etapas de um processo de reconstrução imaginária do que foi um dia, com pretensões de um ter sido. Mas esta presentificação do passado não se esgota nesta instância. O historiador, este detentor do olhar arguto que é capaz de ver o que não mais se impõe à visão, se imbuí também da missão de aprisionar a Memória, indicando o que lembrar.

Sendo História e Memória formas de representação de uma ausência no tempo, a História se distingue pela sua pretensão de afirmar o ter sido, embora seja reservado à Memória, e somente a ela, como pondera Paul Ricoeur, a alegria da certeza de um reconhecimento... A recordação se confirma para aquele que evoca, na constatação de uma segurança: foi lá, foi assim, foi ele, foi então!<sup>1</sup>. É só no âmbito da Memória

---

\* Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

individual que se opera a confirmação do reconhecimento – e, portanto, da *veracidade* – de uma lembrança. Mas não é a Memória que aspira este estatuto, e sim a História. A Memória se contenta com a credibilidade no reconhecimento de uma evocação, e é a História que lida, a duras penas, com este esforço de chegar o mais próximo possível desta *verdade* do acontecido.

Atribuindo-se a responsabilidade da narrativa sobre o passado, o historiador assume também a tarefa de administrar ou mesmo construir a memória coletiva, esta que brota de um processo, social e histórico, de armazenamento de lembranças partilhadas por uma comunidade. Neste caso, podemos mesmo falar no projeto de um esforço ou vontade de lembrar, a que se daria o nome de *anamnese*. Como detentor da fala autorizada sobre o passado, o historiador passa a tutelar a Memória, assumindo este encargo como um dever que lhe toca por ofício.

Creemos que esta tem sido uma das frentes pelas quais o historiador de hoje se bate, na defesa de um campo: a reserva da construção do passado para si, através da Memória e da História. E, neste domínio, um tema se oferece de modo exemplar, para a reflexão e a pesquisa, que é o da cidade. Cidade, Memória e História, eis o terreno, sedutor e complexo, que se encontra na ordem do dia.

Mas voltemos aquele olhar especial, que tributamos ao historiador. Em se tratando da cidade, as dimensões do espaço e do tempo se apresentam como um desafio. Principiemos pelo espaço, entendido tanto como território da cidade – apropriado e transformado pelo homem – quanto como *espaço construído* – materialidade edificada – que se reveste de forma, função e significado. Ora, esta dimensão espacial que se oferece ao olhar no contexto urbano, tem marcada sobre si a passagem do tempo, uma vez que se trata de buscar, na cidade, a sua História e Memória. E, neste ponto, o historiador precisa ter filigranas no olhar para ver, neste espaço transformado, destruído, desgastado, renovado pelo tempo, a cidade do passado..

Para ensinar, para socializar na lembrança a imagem do que não mais se pode observar, desafiando a mudança ocorrida no espaço e no tempo, para dar a ver uma ausência e fazer falar o silêncio, o historiador se defronta com um desafio, que deve vencer. A cidade se apresenta como um palimpsesto, como um enigma a ser decifrado.

O palimpsesto é uma imagem arquetípica para a leitura do mundo. Palavra grega surgida no século V a.c., depois da adoção do pergaminho para o uso da escrita, palimpsesto veio a significar um pergaminho do qual se apagou a primeira escritura para reaproveitamento por outro texto. A escassez de pergaminhos os séculos de VII a IX generalizou os palimpsestos, que se apresentavam como os pergaminhos nos quais se apresentava a escrita sucessiva de textos superpostos, mas onde a raspagem de um não conseguia apagar todos os caracteres antigos dos outros precedentes, que se mostravam, por vezes, ainda visíveis, possibilitando uma recuperação.

Esta definição primeira do palimpsesto nos fornece uma chave para os olhos do historiador, quando se volta para o passado. Há uma escrita que se oculta sobre outra, mas que deixa traços; há um tempo que se escoou mas que deixou vestígios que podem ser recuperados. Há uma superposição de camadas de experiência de vida que incitam ao trabalho de um desfolhamento, de uma espécie de arqueologia do olhar, para a obtenção daquilo que se encontra oculto, mas que deixou pegadas, talvez imperceptíveis, que é preciso descobrir.

Esta acumulação de marcas de historicidade deixadas no tempo se amplia para além dos traços materiais ou de escrita, pois se estende ao plano das recordações, onde muitas lembranças jazem na esfera do inconsciente, podendo ser recuperadas, como bem



aponta a psicanálise. Como refere Gérard Genette, citando De Quincey: o palimpsesto da memória é indestrutível, sendo sempre possível resgatar, pela evocação, experiências e sensações adormecidas.

A propósito de Genette, este autor utiliza a figura do palimpsesto para a elaboração de uma verdadeira teoria para a análise do texto literário como portador de vários textos, nele escondidos<sup>2</sup>. A este processo, Gérard Genette designa como uma *transtextualidade* da escrita, e que a coloca em relação, manifesta ou secreta, com outros textos. De uma certa forma, Genette coloca Julia Kristeva<sup>3</sup> como aquela que lhe fornece o paradigma terminológico para a sua postura: a *intertextualidade* é o conceito que permite ver, num texto, outro. Entretanto, para além de outras formas transtextuais - *paratextualidade metatextualidade, arquitextualidade* – Genette introduz a noção do hipertexto como forma de palimpsesto, entendendo que não há obra literária que não se construa sob a invocação e transformação de outras, deixando pegadas, por vezes quase imperceptíveis, mas mesmo assim resgatáveis através da atividade hermenêutica da leitura<sup>4</sup>.

Ora, este procedimento, estabelecido por Gérard Genette para o mundo do texto e da leitura, pode ser trasladado para outras instâncias, como, por exemplo, aquela que lida com a História, a Memória, a cidade. E, quanto à cidade, principiemos pela materialidade, este espaço construído que se expõe em forma arquitetónica e em traçado urbano, perceptíveis ao olhar.

O que chamamos de paisagem urbana é sempre uma paisagem social, fruto da ação da cultura sobre a natureza, obra do homem a transformar o meio ambiente. Neste espaço construído, a passagem do tempo altera as formas, seja pela destruição das mais antigas, entendidas como superadas, anacrônicas, não funcionais ou suficientemente desgastadas para serem substituídas, seja pela adaptação e composição com novas formas, onde fachadas modernas ocultam velhas estruturas, seja ainda pela atividade, regeneradora ou destrutiva, de uma preocupação de preservação, que entende tais elementos do espaço construído como património. Em termos gerais, uma cidade abriga todos estes tipos de espaço construídos, em múltiplas combinações possíveis, por superposição, substituição ou composição.

Nesta medida, a cidade, enquanto materialidade, é palimpsesto de formas, que remetem à imagem arcaica do tecido ou trama na qual se superpõem várias camadas, mais ou menos aparentes, se não invisíveis de todo<sup>5</sup>. Igualmente, se as formas se alteram, transformadas pelo tempo que se assenhora do espaço, a função também muda de forma evidente. A Cidade é, sobretudo, exibição da marca do homem num universo mutável, e as sociabilidades antigas seguem lugar às novas. Os prédios tornam-se espaço de novos usos ou, no mais das vezes, as edificações preservadas como património a zelar, seguem o destino de transformar-se em centros culturais, adaptando-se a novas funções e usos.

Mas, nesta busca dos tempos e espaços perdidos, o historiador deve olhar o passado em palimpsesto da urbs em busca não só das formas e funções que sobreviveram e que se apresentam, explícitas e visíveis, ao pesquisador. É preciso ressuscitar o implícito e o invisível à superfície, desenterrando aquilo que não mais se vê: o sugerido, o intuído e pressuposto, o transformado, o desaparecido e o lacunar, o ausente.

A cidade, enquanto espaço construído, é também significado, valor e entendimento que teve um dia seu sentido construído e fixado pelos homens. Tais sentidos do passado são como que enigmas ou segredos que é preciso decifrar, pois fizeram daquele espaço um lugar- um espaço dotado de sentido - que tinha a sua inteligibilidade em correspondência história com o tempo. E, no passado, os homens

pautavam sua conduta por outros princípios e sentimentos, distintos dos nossos. Todas estas facetas da materialidade construída do passado, que se desdobra em sociabilidade e sensibilidade, se apresenta ao historiador de hoje como um palimpsesto, a embaralhar sinais e a confundir sentidos.

Neste ponto, a imagem do palimpsesto que é a cidade remete, por sua vez, a outras idéias-imagens, como por exemplo a da *fonte*: o palimpsesto é, na verdade, um reservatório, uma matriz de outros textos e imagens que, superpostos e camuflados, se ocultam uns sobre os outros. Por outro lado, o palimpsesto é, por excelência, a figura que requer a atitude *hermenêutica*, de decifração e de desvelamento de um sentido oculto, que é preciso decifrar. Igualmente, o palimpsesto, como figura que incita a um *ver além*, se aproxima do princípio literário da *mise en abîme*, ou da história que contém uma outra história. Da mesma forma, pela sua conotação de dar a ver ou dar a ler além daquilo que é exibido, enquanto forma ou escrito, o palimpsesto remete às figuras da *metáfora* e da *alegoria*, estes recursos literários ou de linguagem para *dizer além*, ou dizer de *outra forma*. Mais ainda, nesta cadeia de sentidos possíveis da cidade palimpsesto, é indispensável recorrer à idéia do *tecido*, onde os diferentes fios se articulam em trama na montagem das camadas superpostas. Neste caso, é o autor/tecelão da cidade imaginária que deve construir enredos, descobrir caminhos e apresentar a composição da trama.

Como referiu Ítalo Calvino, nas suas *cidades invisíveis*<sup>6</sup>, é preciso entender que uma cidade abriga muitas outras cidades, e só a vontade e a atitude hermenêutica de enxergar para além daquilo que é visto é que permitirá chegar até as cidades soterradas, na História e na Memória. A cidade que se vê, a cidade onde vivemos, abriga as cidades mortas, soterradas ou fantasmáticas do passado, a partir de traços que nos permitirão fazê-las despertar. Despertar, revelar, expor, fazer lembrar, dizer como foi um dia são todos procedimentos que, articulando História e Memória, dão a ver o passado, no caso, a cidade de uma outra época. Se sua tarefa é construir as representações sobre o passado, o historiador não deve apenas relatar como teria sido a cidade do passado: é preciso fazer lembrar, fixar imagens, desvelar sentidos. A narrativa do passado só será objeto de compreensão e rememoração se ele ensinar a montar e desmontar o *puzzle* em chaves de sentido, traduzindo o outro tempo para os homens do presente. Caso contrário, sinais do passado não serão traços do *antigo*, vestígios que incorporam uma temporalidade histórica, mas só *velhas* materialidades, diferentes ou anacrônicas com relação ao presente, tal com as práticas e significados de uma outra época serão apenas *pitorescas* ou, no máximo, *interessantes*... Para que uma cidade não só abrigue, mas revele muitas outras cidades, como diz Ítalo Calvino, é preciso que o historiador coloque tais cidades, as do passado e a do presente, em conjunção, estabelecendo as correspondências, as rupturas e as continuidades.

A imagem do palimpsesto posta em relação com a cidade evoca, por sua vez, aquela de Tróia, soterrada em suas sete cidades superpostas, descobertas pela imaginação e pela vontade do arqueólogo Schliemann, que ao seu conhecimento acrescentara a inspiração da poesia de Homero... Superposição de tempos em um mesmo espaço, eis o palimpsesto tornado cidade; conjunção do cognitivo com a imaginação criadora, eis a síntese da atitude de um historiador disposto a resgatar do passado aquilo que não mais se vê, a partir das pegadas deixadas pelos homens de uma outra época, que apenas são perceptíveis a um olhar experimentado. E, neste ponto, não há como negar, que é somente com o esforço da imaginação, aliado à pesquisa de arquivo – quase arqueológica - que permitirá revelar e reconstruir a cidade do passado. Se esta se



apresenta em palimpsesto, a misturar sinais e a sobrepor camadas em tecido, a atividade do historiador não deixa de ser, por seu turno, *palimpsesta*.

Uma cidade que contém outra, ou muitas outras, é também o que vemos em um célebre quadro de Paul Klee, *Vilas florentinas*<sup>7</sup>, onde os traços se misturam e se superpõem, num emaranhado de formas urbanas. Sim, é realmente uma cidade o que vemos neste quadro, com suas casas dispostas em uma confusão de formas, em desafio para o olhar. É neste ponto que se revela a idéia o palimpsesto como trama, que revela uma superfície observável, visível, dada a leitura de forma explícita, mas que deixa ver outras realidades implícitas e sugeridas. O pintor se vale não só do traço, emaranhando o que seriam as formas do espaço construído, como também se vale das cores que se justapõem e se misturam, interpenetrando a materialidade exposta e confundindo a percepção da paisagem urbana como um todo e em seu detalhamento. Esta é sem dúvida uma cidade, pois as formas arquitetônicas ali estão, mostrando uma concentração típica do urbano. É possível também associar a luz e as cores difusas que se entrelaçam com a Florença que conhecemos. Mas esta cidade é, sobretudo, palimpsesto, pois ela exhibe superposição, camadas, desfolhamento.

Mas se formas foram substituídas e desapareceram, como resgatar velhos espaços? Só através do cruzamento de diferentes fragmentos, como em um *puzzle*, onde peças de variadas épocas – planos, fotos, pinturas, desenhos, mapas – em composição, permitam juntar partes de forma a compor uma cena. É preciso ousar combinações e correspondências, fazendo viajar, no tempo e no espaço, imagens e textos que possam revelar as cidades ocultas sob a cidade do presente. Uma igreja do século XVIII, arrasada no século XX, subsistia ainda no século XIX, figurando em uma foto, junto a outros prédios da mesma época... Deslocada de seu contexto material, a imagem da igreja se desloca para compor com uma velha planta do mesmo século, onde vai encontrar correspondência com algum relato da mesma época. Costura e montagem, bordado e colagem, trama, urdidura, reaproveitamento, juntando textos e imagens de molde a recompor, pelo esforço da representação mental, uma cidade desaparecida mas agora presente na elaboração imaginária de um contexto urbano passado.

A articulação espaço – temporal é complexa, a partir destes cacos do passado, no resgate de cidades que, por vezes, já foram bastante alteradas. Forma e função sejam talvez melhor resgatadas pelas pistas, mas como chegar ao significado? Que sentido tinha este espaço construído da cidade para os homens de um outro tempo? Esta talvez seja a aspiração mais profunda, a camada mais teimosa em revelar-se no palimpsesto urbano: este núcleo de investimento inicial do mundo, pelo qual os homens de um outro tempo representavam a si próprios e à realidade. Se a cidade é, como unidade de espaço e tempo, um palimpsesto, ela é sedimentação da vida, o que equivale dizer, ela é acumulação de significados superpostos e cambiantes. Neste sentido, mais um elemento se acrescenta neste palimpsesto do urbano, se formos puxar o fio dos significados de um outro tempo. Se o que fez sentido um dia já não é mais significativo, há que se despojar ainda do critério da monumentabilidade ou do grande acontecimento ou personagem.

O historiador que se dispõe a mergulhar no palimpsesto da cidade em busca dos seus sentidos mais arcaicos, precisa enfrentar o desafio da pequenez e da insignificância. Ver, no cotidiano, um elemento de novidade e encontrar, no banal, a possibilidade do extraordinário, eis a chave para poder chegar às camadas mais profundas do palimpsesto. Postos em relação com elementos de outras camadas – ou de outras cidades em palimpsesto -, cada caco do passado pode revelar-se, ele também, em fonte de entendimento para uma época.

Para resgatá-los, a estes vestígios sedimentares das cidades superpostas, não conhecemos outro método senão este, de contínua montagem ou desmontagem<sup>8</sup>, hipertrofiando a capacidade interpretativa do historiador, para que possa ir de um espaço e de um tempo a outro, vendo mesmo, em uma cidade, outras cidades...

Este esforço do olhar já fora apontado por Richard Sennett<sup>9</sup>, quando advogava um exercício do olhar para resgatar, na descaracterização do passado presente em uma cidade tão moderna como New York, a possibilidade de fazer uma leitura não só das outras cidades que ela encerra, mas mesmo de considera-la como um *hipertexto*, à la Genette, dando a ler, por exemplo, a Paris de Baudelaire. É só com uma atitude de decifração que a cidade se oferece à leitura, decifrando seus significados.

E, nesta medida, nenhuma cidade será uma aldeia, uma ilha isolada ou um objeto não interessante ou digno de análise. Toda cidade será a Cidade, contendo em si, como palimpsesto, outras cidades, a emitirem sinais, pedindo ao historiador que os descubra, que os leia, interprete, dê a ler e dê a ver. Pois o palimpsesto, em si, não é mais do que uma figura arquetípica que permite ao historiador melhor entender e cumprir estas tarefas das quais se imbuíu na construção das representações sobre o passado da cidade, objeto que ele escolheu para problematizar, no entrecruzamento da Memória com a História.

---

## Notas

<sup>1</sup> Ricoeur, Paul. L'écriture de l'histoire et la représentation du passé. *Annales*, juillet/aôut 2000, Paris.

<sup>2</sup> Genette, Gérard. *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Paris, Seuil, 1982, p.7..

<sup>3</sup> Kristeva, Julia. *Séméiôtikè*. Paris, Seuil, 1969.

<sup>4</sup> Genette, op. Cit. p. 18-19.

<sup>5</sup> Sob diferentes abordagens, a coletânea de ensaios organizada por André Corboz (*Le territoire comme palimpseste et autres essais*, Paris, éditions de l'Imprimeur, 2001) aborda as estratificações que se superpõem, no tempo, em um mesmo espaço, notoriamente urbano.

<sup>6</sup> Calvino, Ítalo. *As cidades invisíveis*, São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

<sup>7</sup> Klee, Paul, *Florentinisches Villen Viertel*, 1926. Musée National d'Art Moderne, Paris, Centre Georges Pompidou.

<sup>8</sup> Procedimento que, em última análise, tanto nos remete ao clássico texto Carlos Ginzburg sobre o paradigma indiciário quanto à proposta de Walter Benjamin para decifração das representações sociais – montagem e desmontagem – tomado de empréstimo à feitura cinematográfica.

<sup>9</sup> Sennett, Richard. *La consciencia del ojo*. Barcelona, Versal, 1990.